



ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO
(Organizadora)

realização



SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
2018

REALIZAÇÃO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE

LABORATÓRIO DE SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA CLÍNICA SOCIAL

São
Paulo

E BOOK (13.: 2018: São Paulo) Leila S P C Tardivo (organizadora). ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO EMOCIONAL NA ATUALIDADE.- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018

In, 2018

Inclui bibliografia.

ISBN: **978-85-86736-93-3**

1. Psicologia clínica
2. Psicologia Social
3. Adolescência
4. Clínica I. Título.

RC467

**“ESSA SITUAÇÃO FOI A QUE MAIS MARCOU MINHA VIDA”:
COMPREENDENDO EXPERIÊNCIAS DE VÍTIMAS DE BULLYING**

Wanderlei Abadio de Oliveira

Jorge Luiz da Silva

Rosimár Alves Querino

Vinícius Alexandre

Yurín Garcêz de Souza Santos

Simona Carla Silvia Caravita

Marta Angélica Iossi Silva

Manoel Antônio dos Santos

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - EERP

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP

Universidade de Franca, Franca-SP

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG

Facoltà di Psicologia, Università Cattolica del Sacro Cuore, Milão/Itália

Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - LEPPS

Apoio: FAPESP (Processo 2014/13062-7)

e Bolsa PNPD/CAPES (Código de financiamento 001)

RESUMO

A vitimização por *bullying* no contexto escolar é um problema que pode afetar a saúde e a qualidade de vida dos estudantes, comprometendo seu desenvolvimento psicológico. Para as vítimas, esse tipo de violência pode repercutir na trajetória escolar, no modo como significam a escola e o processo ensino-aprendizagem, bem como nos processos de internalização do modo como as relações interpessoais se processam. Dessa forma, este estudo teve por objetivo conhecer as experiências de estudantes brasileiros que vivem a

condição de vítimas de *bullying* e examinar qual o impacto da exposição reiterada a situações de violência escolar na qualidade de vida. Participaram do estudo 55 estudantes (46.5% meninas; média de idade = 15 anos, desvio-padrão = 2 anos) de 11 escolas públicas de um município do interior de Minas Gerais. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados foi realizada com apoio do Atlas.Ti 7 e a categorização temática seguiu os princípios da *Grounded Theory*. Os resultados mostraram que 19 participantes declararam ser vítimas de *bullying*. Foram identificadas cinco categorias temáticas: histórias de *bullying*; ser intimidado; amparo e desemparo; condições internas; e repercussões psicológicas da exposição à violência. As categorias revelaram a complexidade da problemática da vitimização, corroborando que a exposição ao *bullying* afeta negativamente a qualidade de vida dos estudantes. Os dados fornecem subsídios que contribuem para a proposição de programas e ações *antibullying* direcionados para os estudantes que sofrem diferentes tipos de agressões nas escolas.

Palavras-chave: *Bullying*; qualidade de vida; violência; relações de grupo; adolescência; culpabilização da vítima; vitimização.

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um tipo de violência caracterizado pela intencionalidade e repetitividade das agressões, bem como pelo desequilíbrio de poder existente entre os estudantes envolvidos (Olweus, 2013). Em geral, as vítimas não têm condições de resolver a questão sozinha e com isso permanecem expostas aos efeitos deletérios da vitimização por *bullying*, que estão bem definidos na literatura especializada. A segunda edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012), desenvolvida com 109.014 estudantes brasileiros de todos os estados do país, identificou uma taxa de prevalência de 7,2% de vítimas de *bullying*, sendo que a maioria das vítimas (51,2%) não soube indicar o motivo ou causa para as agressões (Oliveira et al., 2015).

A vitimização por *bullying* pode provocar o insucesso e o abandono escolar, que são as consequências mais relacionadas ao processo ensino-aprendizagem (Hase, Goldberg, Smith, Stuck, & Campain, 2015).

Psicologicamente, vítimas de *bullying* apresentam mais relatos de solidão, ansiedade, depressão e ideação suicida (Binsfeld, 2010; Craig, 1998) do que os estudantes não envolvidos nesse tipo de situação. Essas dimensões psicológicas impactam na saúde global e na qualidade de vida de crianças e adolescentes em idade escolar (Frisén & Bjarnelind, 2010).

As consequências das agressões, que podem se perpetuar ao longo do ciclo vital, e as elevadas taxas de prevalência demonstram a gravidade da problemática. Gravidade que também é expressa pela narrativa de uma das participantes do presente estudo, destacada no título do manuscrito: as situações de agressão marcam negativamente a vida e o processo de desenvolvimento das vítimas. Diante desse cenário adverso, embora a literatura científica ofereça elementos que permitem caracterizar e conceituar o fenômeno investigado, ainda existem lacunas a serem preenchidas no que se refere ao conhecimento sobre a experiência subjetiva e a perspectiva dos próprios estudantes em relação ao *bullying*.

Por qualidade de vida entende-se a percepção que o indivíduo tem de sua posição subjetiva na realidade concreta, o que reúne aspectos da motivação e positividade em relação a diferentes aspectos da vida (Cardoso, Graça, & Amorim, 2015). O referido estudo (Cardoso et al., 2015) mostra que a exposição crônica a situações de violência no contexto escolar pode comprometer a qualidade de vida dos alunos, com reflexos negativos em termos de prejuízo no seu desempenho escolar.

Um dos principais desafios para o enfrentamento da questão é o reconhecimento das características contextuais que o fenômeno assume em cada país. Nesse sentido, a fim de obter uma compreensão mais profunda de perspectivas das vítimas sobre as suas experiências de *bullying* tem sido impulsionados os estudos qualitativos, que podem clarificar aspectos que são apreendidos por estudos quantitativos, como os motivos atribuídos à ocorrência do fenômeno (Thornberg, Halldin, Bolmsjö, & Petersson, 2013).

Dessa forma, este estudo teve por objetivo conhecer as experiências de estudantes brasileiros que vivem a condição de vítimas de *bullying* e examinar

qual o impacto da exposição reiterada a situações de violência escolar na qualidade de vida.

Método

Cenário do estudo

O estudo foi desenvolvido em 11 escolas públicas de um município de médio porte do interior do estado de Minas Gerais. A seleção da cidade ocorreu por conveniência.

Participantes

Este estudo é parte de um projeto de pesquisa mais amplo, com delineamento misto, que investiga as relações entre *bullying* e interações familiares. Na etapa quantitativa participaram 2.354 estudantes. Desse grupo amostral foram sorteados cinco estudantes de cada uma das 11 escolas para a etapa qualitativa, totalizando 55 adolescentes (46.5% meninas; com média de idade de 15 anos, desvio-padrão de 2 anos). Neste recorte, especificamente, são apresentados os resultados obtidos com a exploração das experiências de 19 vítimas de *bullying*, que compõem o grupo final de participantes.

Instrumento

Para a coleta de dados foi utilizado um roteiro para orientar a entrevista semiestruturada. O roteiro foi utilizado de forma flexível, de modo a privilegiar a organização do campo da entrevista pelos(as) próprios(as) adolescentes entrevistados(as) e não pelo pesquisador. O roteiro era composto pelas perguntas: “Você já foi ameaçado, humilhado ou agredido na escola?”; “O que fizeram com você?”; “Escolha um momento e me diga tudo o que você lembra sobre esse episódio”; “Como você se sentiu depois de fazer isso?”. Também, foram utilizadas perguntas de esclarecimento (Como assim? Você poderia me dar exemplos?) para adicionar profundidade às descrições.

Coleta e análise de dados

A coleta de dados foi realizada entre agosto e outubro de 2014. Entrevistas semiestruturadas foram realizadas nas escolas dos estudantes, em salas reservadas e com condições de privacidade asseguradas, ou seja, sem a presença de professores ou outros estudantes. O tempo médio de cada entrevista foi de 12 minutos. Todas as entrevistas foram audiogravadas e posteriormente transcritas na íntegra. As transcrições foram digitadas e importadas para o Atlas.TI Versão 7, que possibilita a organização da análise temática. O processo de análise envolveu dois níveis: 1) desenvolvimento de códigos a partir da leitura das entrevistas das vítimas de *bullying*, originando 23 códigos criados a partir da seleção de 106 citações; e 2) categorização dos códigos em temas e famílias segundo os princípios da *Grounded Theory* (Thornberg et al., 2013). Após o processo de análise emergiram cinco categorias temáticas.

Considerações éticas

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (Universidade de São Paulo), Brasil.

RESULTADOS

A análise dos dados possibilitou identificar as diferentes experiências e tipos de vitimização a que eram submetidos os estudantes investigados. Em um nível descritivo, as categorias construídas a partir da análise dos dados são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2. Categorias identificadas nas entrevistas. Ribeirão Preto, 2014.

Grandes categorias	Subtemas	Número de ocorrências* por sexo	
		Meninas	Meninos

Histórias de <i>bullying</i>	Agressões verbais	7	6
	Agressões físicas	1	4
	Agressões psicológicas	4	2
Ser intimidado	Internalização de culpa	11	3
	Significando a agressão sofrida: sentimentos e percepções	9	4
Oscilando entre amparo e desamparo	Busca de apoio social	3	5
	Os pais ajudaram	4	5
	Outras pessoas ajudaram	3	1
	Ausência de iniciativas de ajuda	6	2
Percepção das condições internas para lidar com os ataques	Elaboração cognitiva/emocional	2	1
	Tentativa de revidar as agressões	1	1
	Falta de recursos internos para enfrentar	9	0
Repercussões psicológicas da exposição reiterada à violência	Prejuízos emocionais	6	1
	Sentimentos negativos / sentimento de fracasso em relação à escola	3	1

* Em uma mesma entrevista pôde ser identificada mais de uma ocorrência registrada.

Categoria 1: Histórias de *bullying*

Foram registrados relatos de agressões verbais, físicas e psicológicas. Os participantes relataram uma gama diversificada de situações de violências sofridas, tais como: apelidos pejorativos, fofocas envolvendo seus nomes, agressões físicas, ameaças e/ou exclusão do grupo de pares. A agressão do tipo verbal se sobressaiu em relação aos demais tipos, tanto para os meninos como para as meninas: *“Eles se reuniram no fundo da sala e ficaram falando de mim. Eles acabaram comigo. Foi o pior dia que eu já tive”* (Menina 13, 13 anos); *“Eu era gordo e eles faziam muita piada comigo”* (Menino 42, 16 anos). Os meninos apresentaram mais relatos de agressão física: *“Às vezes eles passam e me dão tapas na cabeça, me chutam”* (Menino 16, 12 anos). Ser rejeitado e excluído pelo

grupo de pares foi o tipo de violência psicológica mais referida: “As meninas não conversavam muito comigo. Elas me excluíam de tudo” (Menina 23, 18 anos).

Categoria 2: Ser intimidado

Ao detalharem as situações de violência sofridas, alguns participantes revelaram um processo de internalização da culpa pelas agressões e atribuíram a si mesmos – mais particularmente, à alguma característica física, como cabelo, peso/formato corporal e cor da pele – o motivo que teria deflagrado os ataques dos colegas: “Eles falam do meu cabelo” (Menina 6, 13 anos); “Eu sou muito magra. Eles me chamavam de vareta, de Olivia Palito, etc.” (Menina 13, 13 anos); “Eu era gordo” (Menino 42, 16 anos); “Eu não tinha cabelo liso. Eu não sou branca” (Menina 23, 18 anos). Os meninos apresentaram menores justificativas para as agressões, que acreditavam ser injustificadas.

Afora isso, cientes da cronicidade do fenômeno, os participantes expressaram sentimentos e percepções relacionados às agressões e ao processo de internalização da culpa, buscando significados que possibilitassem subjetivar as experiências de intimidação: “Socialmente eu não era muito boa para ter amigos” (Menina 13, 13 anos); “Mas eu não tenho raiva de ninguém” (Menino 17, 15 anos); “Eu ficava muito triste e aquilo me deprimia muito. Hoje eles me colocam apelidos, ficam debochando, mas eu já me acostumei. Eles têm razão” (Menina 45, 19 anos).

Categoria 3: Oscilando entre amparo e desamparo

Contar para alguém sobre a vitimização foi a estratégia mais utilizada pelos participantes para lidar com a questão: “Contei para a minha avó e uma vez para a minha mãe” (Menino 33, 11 anos); “Eu contei para meu pai” (Menina 21, 12 anos); “Eles continuaram me ameaçando. Eu fui na secretaria da escola e contei” (Menino 35, 13 anos). Em geral, a intervenção positiva mais adotada por pais e outros familiares foi ir à escola e conversar com professores e diretores sobre o que estava se passando. Entretanto, alguns estudantes relataram que

os pais foram à escola para conversar diretamente com os agressores. Amigos e professores também foram referidos como fontes de apoio para as vítimas.

Observou-se, ainda, que alguns estudantes não acreditavam na eficácia da intervenção dos professores e de outros profissionais da escola. Houve relatos de situações em que esses profissionais minimizaram ou negligenciaram a questão, o que contribuiu para que caíssem em descrédito, como sintetizado por uma das estudantes: *“Eu não aguentava ficar sentada, ouvindo os meninos zombarem de mim e os professores achando que era brincadeira. A minha mãe sempre vinha na escola, mas isso nunca resolveu porque a escola acha que é brincadeira”* (Menina 13, 13anos).

Categoria 4: Percepção das condições internas para lidar com os ataques

A percepção da falta de recursos internos para enfrentar as situações de *bullying* foi destacada na análise dos dados, no que se refere às meninas. Em geral, as meninas mencionaram a sensação de impotência ou fragilidade diante das agressões, ameaças e humilhações a que eram submetidas diuturnamente: *“Eu fiquei quieta. O que eu poderia fazer? Não podia e não tinha nada para fazer”* (Menina 28, 13 anos); *“Eu sentava no fundo da sala, bem no cantinho, e ficava quieta, chorando”* (Menina 7, 16 anos). Com o tempo alguns estudantes conseguiram elaborar as vivências traumáticas cognitiva e afetivamente, utilizando para tanto um movimento de ressignificar o processo de vitimização. Isso lhes permitiu buscar ajuda, por exemplo: *“Hoje eu acho que, quando euuento alguma coisa para alguém, aquilo que está me incomodando, eu tiro um peso das minhas costas”* (Menina 14, 11 anos). Por outro lado, dois estudantes referiram que, com o passar do tempo, passaram a revidar as agressões (sendo que a retaliação é considerada um comportamento não adequado) como uma resposta às agressões: *“Hoje, se alguém me ofende, eu ofendo também. Eu não aceito mais”* (Menina 23, 18 anos).

Categoria 5: Repercussões psicológicas da exposição reiterada à violência

Os prejuízos emocionais e psicológicos foram os mais evidenciados em termos de repercussões do *bullying* na trajetória escolar dos participantes: “*Nunca mais eu vou esquecer. As pessoas pegavam no meu ponto fraco e eu sentia vontade de gritar, de pular a janela e me suicidar*” (Menina 13, 13anos); “*Quando eu lembro da situação ainda machuca bastante*” (Menino 18, 13 anos). Sentimentos negativos em relação à escola e mesmo o fracasso escolar foram outras consequências associadas à vitimização. Houve relatos de desejos de evasão da escola, de abandonar os estudos por não suportar mais o sofrimento deflagrado pelas situações reiteradas de violência sofridas no ambiente escolar, assim como reprovação escolar. “*Eu não queria vir para escola. Entretanto, minha mãe me obrigou a vir. Eu não queria mais estudar*” (Menino 35, 13 anos).

DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo foi conhecer as experiências de vítimas de *bullying* entre estudantes brasileiros. Nesse sentido, uma primeira constatação se refere à importância de não se negligenciar a violência do tipo verbal. Muitas vezes, apelidos e outras formas de interação entre os adolescentes são compreendidas pelos adultos como próprios da idade ou brincadeiras sem maiores consequências. Isso é falso, uma vez que os relatos evidenciam, de maneira contundente, o quanto essas condutas desencadeam sentimentos negativos, como tristeza, revolta, isolamento, depressão, autoculpabilização e autodepreciação, que levam ao deficit de autoestima.

Geralmente, os autores de *bullying* elegem um aspecto corporal ou moral da vítima para desferir o ataque. Esse atributo é identificado como indesejável, repulsivo ou inadequado, e é tomado como justificativa para todo e qualquer ato de exposição vexatória da vítima, inclusive de cunho racista e homofóbico. Os insultos se tornam mais eficientes quando atingem um ponto de especial vulnerabilidade na frágil identidade em construção do(a) adolescente. É interessante observar o quanto as vítimas internalizam as razões dos ataques: “*Eu sou muito magra*”, “*Eu não sou branca*” – como se necessitassem de um álibi para significar sua absoluta impotência e total desamparo diante da falta de apoio

que sentem no ambiente escolar para fazerem cessar as agressões, ameaças, humilhações e ofensas pessoais sofridas.

Outros estudos (Espelage & De La Rue, 2012; Silva, Oliveira, Bazon, & Cecilio, 2014) relataram que, com o aumento da idade, a violência tende a ser de difícil identificação por parte dos adultos, dadas as características que assume no processo de interação entre os pares. Isso alerta para o risco de naturalização do fenômeno, que pode levar ao aumento de tolerância social e à minimização de seus potenciais efeitos deletérios no desenvolvimento psicológico das vítimas.

Em outra perspectiva, chamou a atenção a busca por apoio psicológico na família. Esse microssistema é importante para o desenvolvimento humano e para o enfrentamento do *bullying*, como revelam as pesquisas (Hong & Espelage, 2012; Patton, Hong, Williams, & Allen-Meares, 2013). O que significa que o *bullying* não é um assunto exclusivo da escola. Esse debate requer uma discussão sobre as construções sociais presentes nas relações entre pares, entre elas aquelas relacionadas aos significados atribuídos à diversidade, aos opositos e às relações de poder difundidas no grupo de pares e reproduzidas no convívio social. São aspectos que são desenhados no contexto familiar, tido como a primeira experiência de relação social do ser humano (Bronfenbrenner, 2011; Hong & Espelage, 2012).

Por outro lado, a dinâmica familiar e os tipos de interação nela estabelecidos se revelam como condições que podem amparar ou desamparar as vítimas. No primeiro nível temos as ações positivas, com adoção de estratégias que podem minimizar a ocorrência do *bullying* e melhorar o clima escolar. Nesse sentido, a parceria entre família e escola se destaca como recurso mais efetivo. No outro nível se apresenta o desemparo provocado por equívocos na tomada de decisão que leva à ação. Na tentativa de ajudar, pais e responsáveis não sabem como agir e adotam muitas vezes estratégias não efetivas para combater o *bullying* sofrido pelos filhos.

No que se refere à percepção subjetiva das condições internas para lidar com os ataques, nota-se que as vítimas são afetadas e profundamente marcadas em suas biografias pelas experiências de *bullying*. Percebe-se que a experiência

de ser intimidado é uma condição naturalizada e reforçada por narrativas que buscam entender ou explicar sua ocorrência a partir das próprias características ou dificuldades da vítima, como evidenciado também por outros estudos (Arseneault, Bowes, & Shakoor, 2010; Thornberg et al., 2012).

As vítimas parecem se sentir responsáveis pelas agressões sofridas, em um processo de internalização da culpa que por si só é bastante revelador do quanto se sentem isoladas e desamparadas pelo meio escolar, que não oferece segurança de que terão sua integridade preservada, nem parece preocupado com a proteção do seu bem-estar. Nesse processo, um arriscado recurso para tentar interromper o ciclo de violência é a ação de revidar com agressões, estratégia considerada negativa porque pode agravar mais ainda a situação (Bibou-Nakou, Asimopoulos, Hatzipemou, Soumaki, & Tsiantis, 2013).

Constata-se que as experiências das vítimas de *bullying* são episódios atuais ou passados que marcaram a trajetória escolar e a história pessoal de cada uma delas. O impacto das experiências de vitimização pode ser aferido mais diretamente na qualidade de vida dos estudantes em comparação com o que se observa naqueles que não relataram envolvimento em situações de *bullying* (Frisén & Bjarnelind, 2010). Os estudantes vitimizados também demonstraram maior carga de conflituosidade e frustração por permanecerem em um sistema educativo que não oferece respostas apropriadas para a violência disseminada nos relacionamentos entre os alunos (Pereira, Silva, & Nunes, 2009), e que sistematicamente negligencia, minimiza ou reage com indiferença ante as violações e descalabros praticados no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu conhecer nuances das experiências diversificadas de vítimas de *bullying* escolar. As agressões verbais foram as mais referidas, destacando-se episódios de destilação de preconceitos e franca intolerância às diferenças vivenciados nas relações com os colegas. Essas situações são marcadas, sobretudo, pela exclusão da vítima de seu grupo de pertencimento ou de determinadas atividades. Os meninos acreditavam que as agressões eram injustificadas (sem motivação evidente), mas as meninas mostraram maior

propensão a internalizar as agressões, vendo-se como causadoras da própria violência que recebem.

A atuação de membros da família foi mais significativa no apoio às vítimas do que as ações da própria escola, que não parece estar preparada para lidar com a situação. Faltam investimentos para a construção do que se poderia chamar, simbolicamente, de uma *escola-cidadã*, comprometida realmente com a qualidade da formação de seus alunos para o convívio social e democrático, baseado nos pressupostos de promoção de saúde, relações igualitárias e equidade de gênero.

Porém, nota-se que a busca por apoio social por parte das vítimas de *bullying* é surpreendentemente modesta em relação à quantidade de vítimas declaradas. Ainda mais porque algumas narrativas permitiram identificar que o *bullying* não representa um fenômeno pontual, mas consiste em uma manifestação crônica – e por vezes silenciosa ou silenciada – de violência que afeta a saúde, a qualidade de vida e o desenvolvimento psicológico daqueles que são submetidos às ameaças, humilhações e agressões na escola.

Os resultados deste estudo devem ser considerados à luz de suas três principais limitações. Primeiramente, trata-se de um estudo qualitativo e com dados preliminares de um universo mais amplo. Em segundo lugar, e relacionada à primeira limitação, a coleta de dados quantitativos previamente às entrevistas qualitativas pode ter sensibilizado, em alguma medida, os estudantes em relação ao tema em estudo. Por fim, foram utilizadas apenas técnicas de coleta baseadas em auto-relatos de envolvimento em situações de *bullying* como vítimas. Essa estratégia é perfeitamente válida e confiável, contando com amplo respaldo na literatura da área, entretanto, esse tipo de abordagem exige um bom nível de consciência dos participantes e algumas vítimas de *bullying* podem apresentar uma tendência a omitir essa condição, por vergonha, culpa ou medo de sofrer represálias. Os pontos fortes do estudo incluem: o uso da abordagem qualitativa e da escuta qualificada para valorizar a experiência de estudantes vitimizados, e a identificação da perspectiva das vítimas como elemento essencial para pensar a qualidade de vida, o que é consistente com esse constructo.

REFERÊNCIAS

- Arseneault, L., Bowes, L., & Shakoor, S. (2010). Bullying victimization in youths and mental health problems: 'much ado about nothing'? *Psychological Medicine*, 40(5), 717-729.
- Bibou-Nakou, I., Asimopoulos, C., Hatzipemou, T., Soumaki, E., & Tsiantis, J. (2013). Bullying in Greek secondary schools: prevalence and profile of bullying practices. *International Journal of Mental Health Promotion*, 16(1), 3-18.
- Binsfeld, A. R., & Lisboa, C. S. M. (2010). Bullying: um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. *Interpersona*, 4(1), 74-105.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *A ecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos* (A. Carvalho-Barreto, Trad.). Porto Alegre: ArtMed.
- Cardoso, L. B. F., Graça, L. C. C., & Amorim, M. I. S. P. L. (2015). Sentido interno de coerência, qualidade de vida e bullying em adolescentes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16(3), 345-358.
- Craig, W. M. (1998). The relationship among bullying, victimization, depression, anxiety, and aggression in elementary school children. *Personality and Individual Differences*, 24(1), 123-130.
- Espelage, D. L., & De La Rue, L. (2012). School bullying: its nature and ecology. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 24(1), 3-10.
- Frisén, A., & Bjarnelind, S. (2010). Health-related quality of life and bullying in adolescence. *Acta Pædiatrica*, 99(4), 597-603.
- Hase, C. N., Goldberg, S. B., Smith, D., Stuck, A., & Campain, J. (2015). Impacts of traditional bullying and cyberbullying on the mental health of middle school and high school students. *Psychology in the Schools*, 52(6), 607-617.
- Hong, J. S., & Espelage, D. L. (2012). A review of research on bullying and peer victimization in school: An ecological system analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 17(4), 311-322.
- Oliveira, W. A., Silva, M. A. I., Mello, F. C. M., Porto, D. L., Yoshinaga, A. C. M., & Malta, D. C. (2015). The causes of bullying: results from the National

- Survey of School Health (PeNSE). *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 23(2), 275-282.
- Olweus, D. (2013). School Bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9(1), 751-780.
- Patton, D. U., Hong, J. S., Williams, A. B., & Allen-Meares, P. (2013). A review of research on school bullying among African American youth: an ecological systems analysis. *Educational Psychology Review*, 25(2), 245-260.
- Pereira, B., Silva, M. A. I., & Nunes, B. (2009). Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Revista Diálogo Educacional*, 9, 455-466.
- Silva, J. L., Oliveira, W. A., Bazon, M. R., & Cecilio, S. (2014). Bullying: conhecimentos, atitudes e crenças de professores. *Psico*, 45(2), 147-156.
- Thornberg, R., Halldin, K., Bolmsjo, N., & Petersson, A. (2013). Victimising of school bullying: a grounded theory. *Research Papers in Education*, 28(3), 309-329.
- Thornberg, R., Tenenbaum, L., Varjas, K., Meyers, J., Jungert, T., & Vanegas, G. (2012). Bystander motivation in bullying incidents: to intervene or not to intervene? *Western Journal of Emergency Medicine*, 13(3), 247-252.